

Literatura e Estudos Organizacionais em Prosa, Verso, Drama e Ficção

Ana Silva Rocha Ipiranga e Luiz Alex Silva Saraiva

Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer (este prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer do leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o “drague”), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado (...) que os dados não estejam lançados, que haja um jogo (Barthes, 1973, p. 9).


Durante a experiência com narrativas, sejam estas literárias e/ou visuais, o modo de construção de significados é ativado pela fruição. Os atores envolvidos – escritores(as), autores(as), leitores(as), espectadores(as), professores(as), estudantes – ao narrarem suas experiências, atuam em processos de modelagem de mundos possíveis ao simbolizarem o que poderiam levar a cabo de forma concreta, antecipando-se, na fantasia, ao que poderia acontecer na realidade. Embora a correspondência entre a antecipação imaginária e a situação real possa não ser absoluta, é suficientemente forte para que as ações nela se baseiem (Ipiranga, 2007; Nussbaum, 1990; Saraiva, 2007).

Nessa linha, Oatley (1995) descreveu a narrativa literária como uma simulação de ações que ocorrem na mente dos(as) leitores(as). Os(as) leitores(as) são atraídos(as) pela ambiguidade da narrativa que os impele a construir inferências sobre os discursos, motivos, crenças e emoções dos personagens, assumindo uma espécie de papel em uma complexa trama de prazer e significados. Mesmo atuando no nível do imaginário, a compreensão narrativa envolve as mesmas redes que as recrutadas na realização de tarefas reais de processamento social (Vasconcellos, 2016).

Os diferentes gêneros literários podem oferecer uma base para a exposição e discussão dos nossos repertórios existenciais e um aprofundamento das nossas percepções de nós mesmos, do outro e do mundo (Ferreira, 2007). Já em 1916, Georg Lukács se empenhou em compreender a nova época engendrada com o advento do capitalismo com a sua Teoria do Romance (2000), com indagações que ultrapassaram o âmbito teórico, tonando-se um clássico da reflexão histórico-filosófica da modernidade. De acordo com uma grande divisão dos gêneros literários, textos literários podem ser épicos (ou narrativos), líricos ou dramáticos (Culler, 1997). Sendo assim, nos espelhamos para provocar a submissão de textos que tratassem da relação entre literatura e organizações em termos de “Prosa, Verso, Drama e Ficção” na nossa chamada. Há um mundo de perspectivas e, bem o sabemos, razão pela qual faremos um breve percurso levantando de forma não exaustiva a produção relacionada a essa provocativa intercessão.


Recebido em: 21/09/2021
Artigo convidado



Ana Silva Rocha
Ipiranga 

Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Doutora em Psicologia do Trabalho e da Organização, Università Alma Mater Studiorum di Bologna, Itália

anasilviaipi@uol.com.br

Luiz Alex Silva Saraiva 

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Doutor em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

[saraiva@face.ufmg.br](https://www.facebook.com/saraiva@face.ufmg.br)

Um breve percurso de uma mistura improvável

Apesar de ser relativamente comum se ouvir na formação de administradores de que a administração é uma arte (Davel, Vergara, & Ghadiri, 2007), qualquer pessoa com formação na área sabe que apesar de se tratar de uma ciência social aplicada, há muito mais de aplicação do que de social nesse campo de conhecimento. A perseguição da exatidão e a ênfase nas certezas levaram essa área a privilegiar elementos quantificáveis como meio de oferecer respostas mais precisas para as complexas questões que se apresentam no contexto organizacional. Por isso, mesmo quando em bases positivistas, que não escapam muito de uma noção de ordenamento, é muito interessante que haja algum tipo de aproximação entre Arte e Administração, nas suas diversas especialidades.

A arte se situa em um plano específico do conhecimento humano, o da estética, no qual inúmeras discussões polissêmicas variam desde

uma perspectiva mais purista, relacionada a objetivos descolados da razão e tendo como verdade a busca pelo belo, um estatuto no qual a imagem possui desejos próprios, relaciona-se à proximidade do divino e também à capacidade de emancipação e de expressividade (Soares, 2019, p. 16).

A discussão inicial do belo, da beleza, da imprescindibilidade de “escapar” do mundo concreto que nos cerca rumo a outras formas de experimentar a existência humana esbarra, contudo, na gaiola de ferro da racionalidade dos nossos tempos, como denunciado por Weber (2020). Isso põe mesmo os aspectos substantivos da arte sob pressão de objetividade, quantificação, disposição e consumo, tornando-se ela própria um objeto de organização empresarial (Wu, 2006). Isso borra as fronteiras entre os campos da estética e da economia, possibilitando uma mistura improvável que é particularmente interessante para os estudos organizacionais.

Há mais de duas décadas de produção sobre a interface entre estética e estudos organizacionais, atestando se tratar de um diálogo profícuo. Um dos pioneiros e mais importantes nomes é o de Antonio Strati, que em 1999 publicou o seminal “*Organization and aesthetics*”, no qual explora diversos aspectos da questão estética em organizações. Esse mesmo autor exploraria a abordagem estética nos estudos organizacionais no ano seguinte (Strati, 2000), em uma importante coletânea sobre o tema (Linstead & Höpfl, 2000). Desde esses movimentos iniciais, a estética e suas interfaces com as organizações vêm sendo explorada de diversas maneiras, a exemplo do cinema, grande celeiro de caminhos de reflexão organizacional (Fournout, 2014).

Pruetipibultham e McLean (2010) se propõem a discutir o papel das artes nas configurações organizacionais, explorando o *storytelling* sob as lentes da música, do drama e da poesia, fenômeno que Berthoin (2014) explora sob a ótica da aprendizagem. Para a autora, há notáveis oportunidades de negócio e, portanto, de campos para a atuação organizacional à medida que a arte é levada a sério. Além de ser uma questão econômica, destacam Figueiredo e Marquesan (2014) que a inclusão de aspectos como arte, design e artesanato na agenda dos estudos organizacionais revela possibilidades de identificação e análise alternativas a partir de formas não hegemônicas de

saber fazer. As categorias estéticas estão presentes mesmo em pequenas organizações, como no restaurante estudado por Lopes, Souza e Ipiranga (2014) e Ipiranga, Lopes e Souza (2016).

A relação entre arte, estética e organização é complexa e profícua, sendo alguns caminhos explorados por Beyes (2016) nesse sentido. Ipiranga (2016b) explora outros, concentrando-se em como os espaços urbanos e suas práticas culturais revelam possibilidades de um organizar estético, discussão também desenvolvida em Ipiranga e Lopes (2017), e em Lopes e Ipiranga (2017). Para Ratiu (2017), não se trata de criar, mas de perceber a presença estética no cotidiano organizacional, o que pode ser feito por meio de abordagens de investigação ou de ensino, como a de Marins e Davel (2020), e a de Lage e Fantinel (2018), respectivamente.

Cruzamentos estético-organizacionais

A seção anterior atesta a pluralidade de percursos possíveis para a exploração das relações entre arte, estética e organização. Nesta seção apresentaremos algumas aproximações e cruzamentos, centrando-nos no que a literatura pode dialogar com os estudos organizacionais. Em primeiro lugar, é preciso registrar a centralidade da narrativa e da ficção. Para além da ultrapassada dicotomia entre o que é real e o que é fictício (Czarniawska-Joerges, 1995), tratar da ficcionalidade é fundamental porque “os seres humanos são movidos pela necessidade de ter acesso à condição alcançada na ficção e no sonho, uma condição em que podem sair simultaneamente e estar consigo próprios” (Iser, 1993, p. 15). Isso termina atribuindo uma espécie de função ao sonho, e o fictício termina por desenhar por onde o real pode caminhar, borrando domínios que em tese seriam separados.

Como essa discussão já faz parte das preocupações de muitos pesquisadores de estudos organizacionais, o assunto está sobre a mesa há algum tempo, de formas promissoras para a proposta desta edição especial, como a de que os estudos organizacionais seriam eles próprios uma forma de ficção da ciência (Schwarz, Kroehl, & von der Gracht, 2014; Smith, Higgins, Parker & Lightfoot, 2001; Parker, Higgins, Lightfoot, & Smith, 1999). De Cock (2000) toma tais discussões a partir do trabalho de Jorge Luis Borges, mostrando como ele apresenta caminhos para a reflexão sobre ficcionalidade, representação e estudos organizacionais. Rhodes e Brown (2005) alertam para a necessidade de escrever de forma responsável, uma vez que a ficção narrativa influencia comportamentos na organização (Bozzo-Rey, 2015) ao criar mundos eventualmente inexistentes, algo permitido e de certa forma desejado pelo capitalismo (De Cock, 2009).

A rigor, considerar a estética nas organizações implica serem plurais as perspectivas de narrativa. Para além das já conhecidas e hegemônicas características positivistas das organizações, de acordo com Boyce (1996), as narrativas desempenham um papel central ao construírem nexos de uma história da organização que pode ser socialmente construída – revelando um inconsciente político (Jameson, 1981) – e, assim, recontada. O estudo das organizações pode ser auxiliado pela ficção narrativa como um recurso para, por meio da identificação de relações entre mitos, histórias e organizações

(Gabriel, 2004), compreender a dinâmica organizacional (Phillips, 1995), o local de trabalho (Patient, Lawrence & Maitlis, 2003) e o processo de organização (Hermann, 2011).

As narrativas constituem também um poderoso recurso metodológico, embora ainda relativamente pouco explorado (Saraiva, 2007). Ademais, permitem um exercício amplo de imaginação para a teorização (Iser, 2006), englobando a chance de “bagunçar” a rigidez metodológica positivista (Law, 2004) mediante a incorporação de análise arqueológica de histórias (Luhmann, 2018), da relação entre narrativa e retórica (Rutten, Mottart & Soetaert, 2010), da investigação de metadiscursos como forma de narratividade (Lacroix, 2017) e da própria força das narrativas como realidade virtual, para além da tecnologia propriamente dita (Ryan, 2001).

Literatura e Estudos Organizacionais: aproximações e possibilidades

A literatura abriga muitas vias de diálogo com os estudos organizacionais, como já foi tratado de forma breve. De abordagens mais gerencialistas, como as de Cohen (1998), voltada à educação de gerentes; Ruas (2005), que empregava práticas teatrais para o desenvolvimento de competências gerenciais; a iniciativas articuladas de ensino e extensão, como a relatada por Pinheiro, Vieira e Motta (2010) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, há muitos caminhos a serem percorridos. Os estudos literários têm fornecido inspiração e *insights* à teoria organizacional (De Cock & Land, 2005, p. 1), à medida que “as coisas literárias – significado, metáfora, textualidade, desejo e prazer” têm se tornado crescentes preocupações no campo. De um lado isso se explica pelo cerceamento que uma perspectiva hegemônica, pretensamente neutra e objetiva, tem imposto ao que se toma por organização. O contexto da obra literária, que do ponto de vista artístico sempre foi o lugar da imaginação e do livre pensar, tem sido problematizado na contemporaneidade à luz de novas referências que minimizam a singularidade do autor e investem no caráter institucional do exercício literário (Mainguenu, 2001). Isso permite que por meio da ficção e da narrativa ela se torne uma fonte de informações sobre o mundo à nossa volta, levantando e questionando diversos aspectos do cotidiano em geral e das organizações, em particular.

Quanto aos diálogos nos diversos tipos de produção literária, trazemos três aproximações nos estudos organizacionais: *charges* ou histórias em quadrinhos, poesia e romance. O uso de *charges* remonta pelo menos aos anos 1990 com os trabalhos de Rodrigues (1991) e de Rodrigues e Collinson (1995). Nesses textos os autores se voltaram a examinar as relações entre humor no ambiente de trabalho e resistência. A partir de dados de uma investigação sobre *charges* publicadas no jornal do sindicato de uma empresa brasileira do setor de telecomunicações, eles concluem que o humor é não apenas um elemento importante, mas algo complexo e ambíguo, um meio pelo qual muitas relações organizacionais, discursos e práticas podem ser reproduzidas, revelando, inclusive, formas de resistência ao controle da organização.

Cerca de 20 anos depois, Carrieri (2014, p. 30) prosseguiu nessa linha de investigação, explorando o humor nas *charges* produzidas pelo sindicato dos trabalhadores de telecomunicação de Minas Gerais, uma vez que os atores organizacionais se referem às *charges* como “uma forma inteligente de fazer oposição, de mostrar alguma resistência aos grupos dominantes..., mesmo que não resultem em ações, planos ou algo concreto”. O autor conclui que as *charges* como mininarrativas podem ser vistas como uma forma de expressão-criação de um grupo que buscava desmascarar as estratégias elaboradas pelos atores dominantes, bem como apontar a participação desses atores no processo de transformação de uma empresa pública em uma empresa privada.

Cavedon (2014) se põe a realizar uma tarefa complexa: a de discutir a avareza enquanto um pecado capital, e como uma característica da sociedade urbana capitalista contemporânea. A autora recorre às histórias em quadrinhos do Tio Patinhas, um personagem famoso pela sua avareza, para refletir sobre como o capitalismo configurou uma sociedade em que é preciso trabalhar de forma incessante para produzir e acumular riqueza para poder se manter consumindo em um ciclo continuamente alimentado.

A poesia também tem seu lugar nos estudos organizacionais. Na tese de Saraiva (2009), os poemas de Carlos Drummond de Andrade são tomados como referência para retomar o passado na cidade de Itabira, em Minas Gerais. Os fatos ali se passaram pelo filtro da memória do poeta que, por meio do afeto, decide o que deve ser preservado em suas palavras, e é

[...] esta intimidade com a memória viva que permite que o poema perdure, retenha sua durabilidade fora da página escrita ou impressa; e embora a “qualidade” de um poema seja medida por vários padrões diferentes, sua “memorabilidade” inevitavelmente determinará sua durabilidade, isto é, a possibilidade de ficar permanentemente fixado na lembrança da humanidade (Arendt, 1999, p. 183).

Os seus sentimentos de rejeição à mineração e ao progresso destruidor daquele modo de vida que existia antes da criação da Companhia Vale do Rio Doce também foram tratados por Wisnik (2018). Como sustenta Arendt (1999, p. 183),

[...] a durabilidade de um poema resulta da condensação, de modo que é como se a linguagem falada com extrema densidade fosse poética por si mesma. De certa forma, enquanto texto, a enunciação na forma poética “é diretamente transformada em memória; o poeta consegue esta transformação através do ritmo, com o qual o poema se fixa na memória quase por si mesmo”.

A poesia, assim, ainda que permita acessar a memória, só torna viável esse retorno ao passado se reconhecemos que não existem fatos, mas versões dos fatos. Aceitar isso significa conceder à poesia e ao poeta o mesmo *status* de outras formas de discurso, como a história, colocadas como fatos em detrimento de outras formas, como a poesia. Isso só é possível porque, de acordo com Maingueneau (2001, p. 121),

[...] como qualquer enunciado, a obra literária implica uma situação de enunciação. Mas o que é a situação de enunciação de uma obra? Seria possível responder que são as circunstâncias de sua produção: foi redigida no decorrer de tal(is) período(s), em tal(is) lugar(es), por tal(is) indivíduo(s). Resposta insuficiente, pois convém aqui apreender as obras não em sua gênese, mas como dispositivos de comunicação.

Pode-se então ser tentado a reduzir a situação de enunciação à data e ao local de publicação. Mas isso de quase nada nos adianta, pois permanecemos ainda fora do ato de comunicação literária.

Darmer e Grisoni (2011) destacam que assim como um texto qualquer, a poesia é aberta a interpretações, entendendo eles que há cinco abordagens possíveis para a poesia no contexto organizacional: a) melhorar o desempenho de organizações e/ou sua gestão; b) compreender as organizações e/ou sua gestão; c) despertar a criatividade nas organizações e/ou na sua gestão; d) significado para as organizações e/ou sua gestão; e) poesia para compreender e/ou desenvolver a investigação. Essa perspectiva, pragmática, de acordo com Pitsis (2014, p. 38), tem “foco primário no uso e função da poesia na organização como um método de entender e melhorar os processos internos”. Há uma segunda perspectiva, “com foco nos modos mais estéticos de linguagem e questões representacionais, com uma filiação para preocupações ontológicas sobre a existência, compreensão e ser através da linguagem e escrita” (Pitsis, 2014, p. 39). Nesse sentido, Yazdani, Murad e Abbas (2011), explorando o uso de metáforas na poesia e na teoria organizacional, defendem que é preciso enfraquecer a visão ocidental hegemônica a respeito do que seria um conhecimento válido sobre as organizações. Para tanto, dizem que pesquisadores contemporâneos dos estudos organizacionais não descartam a literatura e as artes para entender as organizações, construções sociais em que a linguagem desempenha um papel vital.

Quanto à produção literária na forma de romances e sua relação com os estudos organizacionais, é preciso de início destacar uma posição de Watt (1957, p. 31):

Há diferenças importantes no grau em que diferentes formas literárias imitam a realidade; e o realismo formal do romance permite uma imitação mais imediata da experiência individual no seu ambiente temporal e espacial do que de outras formas literárias. Conseqüentemente, as convenções do romance fazem exigências muito menores ao público do que a maioria das convenções literárias; e isto explica certamente porque a maioria dos leitores nos últimos duzentos anos encontraram no romance a forma literária que mais satisfaz a sua desejos de uma correspondência estreita entre a vida e a arte.

Foi o romance que “aceitou e compreendeu a paradoxalidade da vida social antes que os pensadores pós-modernos o fizessem” (Czarniawska-Joerges, 2005, p. 322), o que explica em parte sua popularidade e porque são os recursos mais “à mão” dos pesquisadores em análises organizacionais. DeVault (1990, p. 887) destaca que é necessário, antes de qualquer coisa, reconhecer a “natureza socialmente situada de qualquer leitura”, o que dirige o olhar do leitor a organizar a interpretação a partir de suas referências sociais. Não surpreende, assim, que haja uma corrente hegemônica que busque instrumentalizar mesmo um tipo de produção literária como a poesia, como denunciado por Pitsis (2014). Sendo os estudos organizacionais uma área em que predomina o funcionalismo, é esperado que a maioria das leituras dos romances por pesquisadores de estudos organizacionais procurem lhes atribuir utilidade, funcionalizando seu conteúdo. Um exemplo nos é dado pela obra de Czarniawska-Joerges e Monthoux (2005, p. 1), cujo propósito é “mostrar como bons romances podem formar melhor gestores”. Mesmo que ao longo dos capítulos haja textos que discutem obras clássicas como

as de Émile Zola (Monthoux, 2005) e de Miguel de Cervantes (Czarniawska-Joerges, 2005a), as discussões terminam girando em torno de como podem ser extraídas receitas para melhorar a gestão.

Felizmente nem tudo se resume a tal instrumentalização e tampouco a um determinismo econômico. Embora reconheçamos que não é possível separar economia e cultura (Land & Sliwa, 2009), sendo os romances também reflexo do seu tempo e das relações econômicas entre eles, não fazemos aqui uma leitura que subordina a cultura à economia: acreditamos que aspectos concretos da existência são influenciadores, mas não determinantes do pensamento. Isso permite que o romancista atue como *flâneur*, deslizando pelo real a partir da sua criatividade.

Esse cenário de emprego da ficcionalidade do romance aparece em Czarniawska (2009), ao discutir como os antropólogos há décadas procedem na maioria das suas investigações etnográficas: os dados por eles produzidos no âmbito de sua inserção em campo são abordados de forma interessante, fazendo uso de uma série de recursos ficcionais. Isso não significa em absoluto que sobre criatividade e que falta factualidade, mas que a teorização deve empregar alguma forma ficcional para ampliar as possíveis leituras do que se toma por organizacional: “a consideração crítica das representações dos personagens na ficção, assim como o significado simbólico de seus pensamentos e ações, possibilita e apóia a discussão criativa das experiências vividas dos indivíduos na sociedade contemporânea” (Sliwa & Cairns, 2007).

Algumas discussões nos estudos organizacionais materializam conversações interessantes. Tomemos como exemplo a proposta de Malanovicz (2019, p. 2752). Ela se inspirou nas obras de Sir. Arthur Conan Doyle, em especial no seu personagem mais famoso, o detetive Sherlock Holmes, para “identificar ‘pistas’ de recomendações de métodos de pesquisa úteis para Administração” a partir das investigações presentes nos livros de Doyle. A pesquisa revelou que nos momentos em que o detetive define a si mesmo e aos seus métodos, termina por revelar aspectos que podem ser tomados como recomendações de rigor metodológico para a área de Administração. Ainda na seara do método, Sant’anna e Souza (2014, p. 116) nos apresentam como, a partir da leitura de contos de João do Rio e Rubens Fonseca sobre o Rio de Janeiro, é possível pensar a cidade por meio de abordagens não científicas. “Apesar das distâncias temporais, carregam observações, descrições e conceitos, pelos quais tornam possível um ‘olhar sobre a cidade’ que desvela, nas sutilezas e nuances aportadas, diferentes modelos de se apreender a organização social”, muito se aproximando a riqueza de informações por eles proporcionada de uma etnografia urbana.

Silva (2014, p. 221) toma para si a tarefa de discutir o pecado capital da luxúria à luz de uma abordagem ética e estética que privilegiou um diálogo com a obra “A casa dos budas ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro. A autora conclui que “os significados lógico, estético e ético da luxúria para a organização e a gestão organizacional são as finalidades ou conseqüências práticas do desejo ou amor luxurioso, em síntese: o prazer sexual e a transgressão”. Se a luxúria é potencialmente transgressora, cabe aos gestores a ela se opor ou a ela se aliar, potencializando seu caráter transgressor em favor da organização, se é que isso é possível. Examinando o desenvolvimento da arquitetura e da

literatura moderna e seus laços com os grupos de poder político e econômico brasileiros, Xavier (2018) se debruça sobre o modernismo enquanto movimento literário, tendo identificado que se tratou de um movimento progressista apenas no plano estilístico, uma vez que não promoveu de forma efetiva uma ruptura com os laços vigentes com a hierarquia agrária brasileira nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

Outro autor que tem sido examinado com atenção é Charles Bukowski, celebrado como “poeta proletário”. Carvalho, Farias, Costa e Vergara (2014, p. 420) examinam parte da sua obra em prosa para analisar o sofrimento humano nas organizações. Sua literatura, elaborada a partir da realidade crua, “bem como as palavras de outros escritores e as realizações de outros artistas, podem provavelmente ser efetivas para sensibilizar estudantes e pesquisadores para situações práticas que possam vir a demandar sua intervenção”. Rhodes (2009), por sua vez, discute a questão da resistência nas organizações a partir de uma obra de Bukowski, exemplificando que os romances podem oferecer visões não convencionais do que se passa na organização. Uma delas nos é oferecida por Rippin (2009, p. 402), como mulher, ao ler um dos romances do autor como se invadissem uma “reserva masculina”. Ela chama a atenção de que o entrelaçamento de várias camadas do romance, do autor, da organização, da analista e da disciplina leva além de uma leitura representacional da obra, permitindo considerar “a materialidade do texto no âmbito da montagem produtiva da teoria organizacional”.

A discussão no exterior e no Brasil

Na seara internacional, Knights e Willmott (1999) discutiram a ficção como uma base para a construção conceitual sobre como organizar uma atividade cotidiana que envolve interações entre pessoas. Czarniawska (2005), ao discutir o estudo nas organizações com base nas histórias de detetives, realçou que o poder criativo da literatura pode inspirar a teoria organizacional. Thexton, Prasad e Mills (2019) propuseram, em uma perspectiva do antropoceno, um exercício pedagógico (semelhante aos estudos que utilizaram as narrativas filmicas) sobre o tema da empatia por meio de textos que foram selecionados da literatura pós-colonial de não-humanos (Beierl, 2008). O exercício explorou como esta leitura pode alterar ou aprofundar o relacionamento dos estudantes de negócios com a natureza e despertá-los para comportamentos pró-ambientais.

Por meio de uma série de escritos textuais e performativos, Benozzo, Koro-Ljungberg e Adamo (2019) discutiram que é possível definir e redefinir narrativas/gêneros organizacionais sobre trabalho, cultura e organizações, explorando personagens fictícios de um romance e de uma série de TV. Grafstrom e Jonsson (2019) propuseram a experimentação de diferentes modos e gêneros literários de escrita para discutir a utilidade pedagógica do desenvolvimento de um livro didático sobre a teoria das organizações. Os autores argumentaram que o romance pode funcionar como um revelador na análise organizacional, forçando-nos a olhar além das perspectivas mais estáticas e racionalistas, bem como dos estereótipos das organizações.

Registramos ainda o estudo de Otto, Pors e Johnsen (2019) que focalizaram, por meio da análise de um romance, os sigilos públicos e políticos que são perpetrados nas organizações. Os autores discutiram a relação entre os segredos públicos e os atos clandestinos destinados a alcançar determinados resultados ideológicos. Aroles, Clegg e Granter (2019) se concentraram no tema do crime nas organizações e Calvard (2019) analisou o personagem principal de um romance para delinear o papel do vigarista na vida organizacional, tecendo uma discussão sobre esses personagens e o aumento do populismo político em alguns países.

No campo dos estudos organizacionais brasileiros uma boa produção de trabalhos (Gomes, Machado, Reinaldo, Guimarães & Silva, 2021; Machado, Garcia, Cabral & Matos, 2019; Ipiranga, 2016a; 2005; Teixeira & Cavedon, 2015; Meira & Meira, 2014; Salgueiro, Leite, Pereira & Viegaz, 2014; Leite, Amaral, Freiras & Alvarenga, 2012; Mageste, Mendes & Capelle, 2006; Wood Jr, 2001) vem sendo dedicada ao uso de narrativas visuais (cinema e a fotografia) como base de análise teórica e ou metodológica e/ou ainda como um exercício pedagógico na área da Administração, tendo sido inclusive publicado em 2018 na Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade um dossiê temático intitulado “Cinema: Trabalho, Organizações e Sociedade” (cf. Barreto & Carrieri, 2018; Carmo, Silva, Teixeira & Vasconcelos, 2018; Casagrande & Torres Oviedo, 2018; Colomby & Rodrigues, 2018; Marconi, 2018; Medeiros, Prestes e Fraga, 2018; Miranda, Amaral & Assis, 2018; Oltramari, Lopes & Wannmacher, 2018; Salvagni, Veronese, Guerin & Rodrigues, 2018; Santos, Concolato & Santos, 2018). Por outro lado, ainda pouca consideração foi dedicada a como a literatura pode informar inúmeros discursos pertinentes aos estudos organizacionais, lacunas estas que auguramos serem colmadas nesta edição especial da Revista Eletrônica de Ciência Administrativa ao propor o tema “Verso, Prosa, Drama e Ficção: Literatura e Organizações”.

Apresentamos nesse momento alguns *insights* daqueles que se aventuraram em se envolver criticamente com a literatura, visando compreender as organizações. Começamos citando estudos alguns pioneiros nos estudos organizacionais como os de Saraiva (2009), Saraiva e Carrieri (2014) e Saraiva (2017), que discutiram a importância da poesia de Drummond na cidade de Itabira como eixo metonímico que espelha e ativa uma dinâmica simbólica e econômica ao valer-se da cultura para manter as disparidades sociais.

Outros estudos refletiram sobre a construção de diferentes gêneros literários para direcionar caminhos metodológicos no ensino e na aprendizagem, como a proposta de Baêta (2007) que adotou um texto de José Saramago com o objetivo de desenvolver a criatividade na disciplina de pesquisa em administração. O estudo de Fischer, Davel, Vergara e Ghadiri (2007), que problematizou o uso da literatura como recurso estético durante o ensino da administração, refletiu sobre o papel da ficção na produção do conhecimento. E o trabalho de Ipiranga *et al.*, (2005) que propôs um procedimento de análise literária de narrativas no contexto dos estudos organizacionais ao considerarem a narrativa um tipo particular de organização de enunciados, de representações e de ações (Adam & Revaz, 1997).

Considerando a crescente problematização das metodologias historiográficas e sua aplicabilidade no campo da administração, Pinto (2020) e Pinto e Ribeiro (2018), com base em obras selecionadas de Jorge Amado, refletiram sobre a aproximação das ciências administrativas na reinterpretação das dinâmicas sócio-históricas que fundamentaram os modos de produção e as bases da organização da região cacauzeira baiana. Em Pinto e Domingues (2020), as autoras, além de recorrer a Jorge Amado, fazem uso de obras de João do Rio e Clarice Lispector para compor um quadro mais amplo em torno da relação entre urbe, vida social organizada e literatura. No contexto da historiografia de cidades, Castro (2016) enfatizou as possíveis conexões entre a história urbana e os gêneros literários enquanto fonte histórica documental. Para a autora, esta perspectiva analítica modifica os modos de compreensão do artefato urbano.

Ainda na articulação da história e literatura, Seligmann-Silva (2003) sugere o testemunho na literatura que trata de narrativas que nasceram de pessoas que buscaram representar situações históricas determinadas. Nessa linha, Martins (2007) construiu a historiografia da revolta de Canudos por meio dos depoimentos dos descendentes dos sobreviventes, dos relatos dos cronistas-testemunhas para analisar o processo de institucionalização das formas de organização e governança locais. Parodiando a imagem euclidiana de Antônio Conselheiro, o autor identificou na liderança de Canudos uma forma do “coronel com o sinal trocado” ou de um “coronel pelo avesso”. A partir de uma das obras clássicas interpretativas do Brasil – “Coronelismo, enxada e voto”, de Victor Nunes Leal (1949), Martins, Moura e Imasato (2011) discutiram como a forma histórica do coronelismo e suas ressignificações vêm sendo refletida, enquanto uma manifestação singular e ainda viva na cultura política e de poder/autoridade do espaço organizacional brasileiro. Já Rigo (2012) questionou sobre como as crônicas de Machado de Assis podem nos contar sobre a administração política brasileira.

■ Apresentando a edição especial

Trabalhando nesse cenário polissêmico, a chamada de artigos para compor a presente edição especial colocou a seguinte questão: Afinal, como a literatura pode contribuir para a discussão de problemáticas nos estudos organizacionais brasileiros? Esta chamada se propôs propositadamente ampla em seu alcance, tendo como objetivo convidar pesquisadores a apresentarem artigos empíricos e ou teóricos-conceituais, diversos em conteúdo e escopo, por meio de diferentes posicionamentos epistemológicos, ontológicos e metodológicos. Contudo, ao discutirem de forma criativa a literatura e as organizações, os trabalhos selecionados revelaram um engajamento crítico ao se comprometeram com diferentes formas de ‘reflexividade’, ‘desnaturalização’ e ‘intenção não performativa’ (Abdalla & Faria, 2017; Alvesson & Willmott, 1996; Grey, 1996; Thexton, Prasad & Mills, 2019), evidenciando o potencial teórico e metodológico da análise literária nos estudos organizacionais. A seguir temos o prazer de encerrar esta Introdução com uma breve visão geral dos artigos selecionados para esta edição especial.

O primeiro artigo se intitula “A discriminação racial (des) mascarada: análise discursiva do romance O Presidente Negro de Monteiro Lobato” de Hellen Cordeiro Alves Marquezini, Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães e Flávia Pereira Dias Menezes. Com base em uma sofisticada articulação teórica e metodológica, a análise do *O Presidente Negro* revelou construções de imaginários sociodiscursivos e interdiscursivos racistas que permeiam a memória coletiva e que ainda hoje reverberam nas organizações, evidenciando problemáticas estruturais. Para as autoras, as implicações do *O Presidente Negro* ao ter como autor um ícone da literatura infantil, extrapolam os limites de uma obra ficcional, principalmente pelo lugar de referência social que Monteiro Lobato ocupava e que ainda ocupa no imaginário de quem o lê. Impactos que obras literárias como essa promovem podem ser revelados em organizações onde negros foram e/ou estão inseridos, como: a sub-representação na política; a dificuldade para exercer direitos constitucionais; a baixa ocupação em altas posições organizacionais; os assassinatos pela mão do Estado, entre outras questões.

O trabalho intitulado “Mulheres sertanejas cordelistas e a organização de um espaço de fala no cordel feminino”, iluminou práticas de enfrentamento de mulheres sertanejas cordelistas com base na interseccionalidade de diferentes questões que colocam o sertão brasileiro em condições estruturais subalternizadas. As autoras Marina Dantas de Figueiredo, Juliana Cristina Teixeira e Luciana Bandeira de Oliveira Feitoza problematizaram a histórica negação do “direito à fala”, para teorizar sobre o “lugar de fala” por meio da análise da busca por legitimação de formas de produção de conhecimento e na forma de expressões subjetivas coletivas ou individualizadas no contexto da literatura de cordel.

Ítalo da Silva, Pâmela Karolina Dias e Elisabeth Cavalcante dos Santos põem em pauta o artigo “Gestão, história decolonial e literatura: Macunaíma como personagem antropofágico para (re)pensarmos a crítica nos Estudos Organizacionais”. Os autores refletiram o contexto assimétrico de poder que compreende o descompasso epistêmico entre o Norte e o Sul Global para construir uma crítica por meio do olhar histórico-decolonial frente à realidade ambivalente e pluriversal da gestão local. Para isso foi resgatado o conceito de antropofagia da obra literária *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade para realçar o potencial teórico do construto de uma gestão “às avessas e sem caráter” em uma interpretação da gestão praticada no Sul Global.

Daniel Francisco Bastos Monteiro, Gabriel Farias Alves Correia e Alexandre de Pádua Carrieri do trabalho intitulado “Humor como estratégia discursiva: uma análise das charges do jornal sindical Folha Bancária”, colocaram como objetivo analisar a estratégia discursiva do humor no gênero literário das charges produzidas no jornal do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Com base na analítica de poder foucaultiana, cinco charges publicadas no jornal sindical Folha Bancária revelaram um conjunto de práticas que atuou em processos organizacionais de resistência, transgressão e de contradições entre o Sindicato e suas parcerias com bancos privados. Entre estas práticas, os autores enfatizaram as estratégias de sindicalização que enfraquecem as lutas coletivas e a ausência de resultados expressivos em seus canais de denúncias contra o assédio moral.

Por fim, mas não menos importante, temos “Usando a literatura feminista no ensino de administração”, de Susane Petinelli Souza, que ao problematizar as relações de subalternidade e os saberes produzidos nos países ditos centrais e que ainda ocupam posição de destaque no campo da Administração, propôs a literatura feminista da primeira brasileira a escrever sobre os ideais de igualdade entre as mulheres observando a obra de Nísia Floresta. O trabalho ilumina um percurso formativo para administradores, problematizando questões de gênero, segregação ocupacional, empreendedorismo feminino, sub-representação feminina, estereótipos de gêneros e liderança feminina. Para Susane a experiência literária proporcionada pela literatura de Nísia, além de chamar a atenção para uma das formas mais persistentes de desigualdades – aquela baseada em gêneros, constrói acessos a novos conhecimentos, percepções e até mesmo mudanças na atuação de futuros administradores.

Aos que se aventurarem até o final dessas páginas estarão garantidos bons e belos momentos de fantasia, curiosidade, observação, criatividade, significados, reflexão e crítica. Uma leitura prazerosa a todos(as)!

Referências

- Abdalla, M. M. & Faria, A. (2017). Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. *Cadernos EBAPE. BR*, 15(4), 914-929.
- Adam, J.-M. & Revaz, F. (1997). *A análise da narrativa*. Lisboa: Gradiva.
- Alvesson, M. & Willmott, H. (1996). *Making sense of management: a critical introduction*. London: Sage.
- Arendt, H. (1999). *A condição humana* (9a ed). Rio de Janeiro: Forense universitária.
- Aroles, J., Clegg, S., & Granter, E. (2019). Death and the penguin: modularity, alienation and organizing. *Culture and Organization*, 25(2), 104-117.
- Barreto, R. O. & Carrieri, A. P. (2018). “Copacabana” e “E se vivêssemos todos juntos?": um ensaio sobre as contribuições do cinema acerca da velhice na contemporaneidade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1218-1264.
- Barthes, R. (1973). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- Beierl, B. H. (2008). The sympathetic imagination and the human-animal bond: fostering empathy through reading imaginative literature. *Anthrozoös*, 21(3), 213-220.
- Benozzo, A., Koro-Ljungberg, M., & Adamo, S. (2019). Would you prefer not to? Resetting/resistance across literature, culture, and organizations. *Culture and Organization*, 25(2), 131-145.
- Berthoin Antal, A. (2014). When arts enter organizational spaces: implications for organizational learning. In A. Berthoin Antal, P. Meusburger, & L. Suarsana (Eds.). *Learning organizations: extending the field* (pp. 177-201). Dordrecht: Springer.
- Beyes, T. (2016). Art, aesthetics and organization. In B. Czarniawska (Ed.). *A research agenda for management and organization studies* (pp. 115–125). Cheltenham Glos: Edward Elgar.

- Boyce, M. E. (1996). Organizational story and storytelling: a critical review. *Journal of Organizational Change Management*, 9(5), 5-26.
- Bozzo-Rey, M. (2015). Influencer les comportements en organisation: fictions et discours managérial. *Le Portique*, 35, 1-18.
- Calvard, T. S. (2019). Augustus Melmotte in Anthony Trollope's the way we live now: characterizing the swindler as an important cultural and organizational figure. *Culture and Organization*, 25(2), 118-130.
- Calvino, I. (1990). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras.
- Carmo, L. J. O., Silva, A. F., Teixeira, M. B. M., & Vasconcelos, L. M. G. (2018). Reflexões sobre o instrumentalismo da gestão: análise fílmica de Gattaca. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1165-1217.
- Carrieri, A. P. (2014). O humor como estratégia discursiva de resistência: as charges do SINTTEL/MG. *Organizações & Sociedade*, 11(30), 29-48.
- Carvalho, J. L. F., Farias, M. D., Costa, A. S. M., & Vergara, S. C. (2014). Psicodinâmica do trabalho e sofrimento na literatura do “poeta proletário”. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 1(2), 383-439.
- Casagrande, L. & Torres Oviedo, C. F. (2018). Replicantes e proletários: a essencialização da condição de trabalhador em Blade Runner. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1138-1164.
- Castro, A. C. V. (2016). Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 24(3), 99- 120.
- Cavedon, N. R. (2014). Do Tio Patinhas à avareza no mundo organizacional contemporâneo. In L. A. S. Saraiva, A. G. Enoque & A. P. Carrieri (Orgs.). *Sete pecados capitais nas organizações* (pp. 41-62). Salvador: UFBA.
- Cohen, C. (1998). How literature may be used to assist in the education of managers. *The Learning Organization*, 5(1), 6-14.
- Colomby, R. K. & Rodrigues, M. B. (2018). “Andy Trouxe AIDS para nossos escritórios”: uma análise fílmica e social após 25 anos do lançamento de “Filadélfia”. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1328-1387.
- Culler, J. (1997). *Literary theory: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Czarniawska, B. (2009). Distant readings: anthropology of organizations through novels. *Journal of Organizational Change Management*, 22(4), 357-372.
- Czarniawska, B. (2005). Management she wrote: organization studies and detective stories. In B. Czarniawska. *Writing management. organization theory as a literary genre* (pp. 79-95). New York: Oxford University Press.
- Czarniawska-Joerges, B. (2005a). Don Quixote and capitalism in Poland: on the cultural context of organizing. In B. Czarniawska-Joerges & P. G. Monthoux (Eds.). *Good novels, better management: reading organization realities in fiction* (pp. 37-64). Chur: Harwood.
- Czarniawska-Joerges, B. (2005b). Epilogue: realism in the novel, social sciences and organization theory. In B. Czarniawska-Joerges & P. G. Monthoux (Eds.). *Good novels, better management: reading organization realities in fiction* (pp. 308-329). Chur: Harwood.

- Czarniawska-Joerges, B. (1995). Narration or science? Collapsing the division in organization studies. *Organization*, 2(1), 11-33.
- Czarniawska-Joerges, B. & Monthoux, P. G. (2005) (Eds.). *Good novels, better management: reading organization realities in fiction*. Chur: Harwood.
- Darmer, P. & Grisoni, L. (2011). The opportunity of poetry: report about poetry in organizing and managing. *Tamara – Journal for Critical Organization Inquiry*, 9(1-2), 5-13.
- Davel, E., Vergara, S. C. & Ghadiri, D. P. (Orgs.) (2007). *Administração com arte. Experiências vividas de ensino-aprendizagem*. São Paulo: Atlas.
- De Cock, C. (2009). Jumpstarting the future with Fredric Jameson: reflections on capitalism, science fiction and Utopia. *Journal of Organizational Change Management*, 22(4), 437-449.
- De Cock, C. (2000). Essai: Reflections of fiction, representation, and organization studies: an essay with special reference to the work of Jorge Luis Borges. *Organization Studies*, 21(3), 589-609.
- De Cock, C. & Land, C. (2005). Organization/literature: exploring the seam. *Organization Studies*, 26, 1-19.
- DeVault, M. (1990). Novel readings: the social organization of interpretation. *American Journal of Sociology*, 95(4), 887-921.
- Ferreira, R. G. (2007). Ficção literária no ensino e aprendizagem de gestão com pessoas. In E. Davel, S. C. Vergara, & D. P. Ghadiri (Orgs.). *Administração com arte. Experiências vividas de ensino-aprendizagem* (pp. 109-117). São Paulo: Atlas.
- Figueiredo, M. D. & Marquesan, F. F. S. (2014). Artesanato, arte, design... Por que isso importa aos estudos organizacionais? *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 3(3), 127-143.
- Fischer, T., Davel, E., Vergara, S. C., & Ghadiri, D. P. (2007). Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. *Revista de Administração Pública*, 41(5), 935-956.
- Fournout, O. (2014). La matrice du héros dans les organisations et au cinéma. In O. Fournout. *Héros : action, innovation, interaction dans les organisations et au cinéma* (pp. 45-54). Paris: Presses de Mines.
- Gabriel, Y. (2004). (Ed.). *Myths, stories and organizations: premodern narratives of our times*. Oxford: Oxford University Press.
- Gomes, M. L. F., Machado, D. Q., Reinaldo, H. O. A., Guimarães, D. B., & Silva, L. M. T. (2021). A rede social: uma análise fílmica do comportamento empreendedor em estudantes universitários. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 15(1), 56-73.
- Grafstrom, M. & Jonsson, A. (2019). Professional blinders? The novel as an eye-opener in organizational analyses. *Culture and Organization*, 25(2), 146-158.
- Grey, C. (1996). Critique and renewal in management education. *Management Learning*, 27(1), 5-20.
- Hermann, A. F. (2011). Narrative as an organizing process: identity and story in a new nonprofit. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 6(3), 246-264.

- Ipiranga, A. S. R. (2016a). A imagem fotográfica como uma questão de método. *Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais*, Porto Alegre, RS, Brasil, IV.
- Ipiranga, A. S. R. (2016b). Práticas culturais de espaços urbanos e o organizar estético: uma proposta de estudo. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 5(2), 105-123.
- Ipiranga, A. S. R. (2007). A narração fílmica no ensino de gestão de pessoas e de comportamento organizacional. In E. Davel, S. C. Vergara, & D. P. Ghadiri (Orgs.). *Administração com arte. Experiências vividas de ensino-aprendizagem* (pp. 81-91). São Paulo: Atlas.
- Ipiranga, A. S. R. (2005). A narração fílmica como instrumento de ação formativa: um enfoque semiótico. *Organizações & Sociedade*, 12(32), 143-164.
- Ipiranga, A. S. R. & Lopes, L. L. S. (2017). O organizar da estética espacial: uma história tátil da Praça dos Leões. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 12(1), 130-153.
- Ipiranga, A. S. R., Lopes, L. L. S., & Souza, E. M. (2016). A experiência estética nas práticas culinárias de uma organização gastronômica. *Organizações & Sociedade*, 23(77), 191-210.
- Ipiranga, A. S. R., Menezes, R. B., Matos, J. L. A., & Maia, G. L. L. (2005). Aprendizagem como ato de participação: a história de uma comunidade de prática. *Cadernos EBAPE.BR*, 3(3), 1-17.
- Iser, W. (2006). *How to do theory*. London: Blackwell.
- Iser, W. (1993). *The fictive and the imaginary: charting literature anthropology*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Jameson, F. (1981). *The political unconscious: narrative as socially symbolic act*. London: Routledge.
- Knights, D., & Willmott, H. (1999). *Management lives: Power and identity in work organizations*. London: Sage.
- Lacroix, C. M. (2017). Narrativités 2.0: fragmentation-organisation d'un métadiscours. *Cahiers de Narratologie*, 32, 1-12.
- Lage, M. L. C. & Fantinel, L. D. (2018). Quando estudantes se tornam artistas: produções culturais como práticas pedagógicas não hegemônicas nos Estudos Organizacionais. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(13), 908-940.
- Land, C. & Sliwa, M. (2009). The novel and organization: introduction from the editors. *Journal of Organizational Change Management*, 22(4), 349-356.
- Law, J. (2004). *After method: mess in social science research*. London: Routledge.
- Leite, N. P., Amaral, I. G., Freitas, A. D. G., & Alvarenga, M. A. (2012). Projetos educacionais e estudos observacionais em análise fílmica: qual o atual status de produção no Brasil? *Revista de Gestão e Projetos*, 3(3), 215-250.
- Linstead, S. & Höpfl, H. J. (Eds.) (2000). *The aesthetics of organization*. London: Sage.

Lopes, L. L. S. & Ipiranga, A. S. R. (2017). Compreensão empática e as possíveis contribuições para a pesquisa nos estudos organizacionais: reflexões a partir da experiência do lado estético das organizações. *Cadernos EBAPE.BR*, 15(4), 831-845.

Lopes, L. L. S., Souza, E. M., & Ipiranga, A. S. R. (2014). Desvelando as categorias estéticas na organização de um pequeno restaurante. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 3(1), 207-222.

Luhmann, J. T. (2018). Reimagining organizational storytelling research as archeological story analysis. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 0(0), s.p.

Lukács, G. (2000). *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34.

Machado, D. Q., Garcia, E. A. R., Cabral, A. C. A., & Matos, F. R. N. (2019). A Revolução dos Bichos: uma análise fílmica do papel das fontes de poder em situações de conflito. *Gestão.Org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 17(2), 120-136.

Mageste, G. S., Mendes, E. L., & Capelle, M. C. A. (2006). Mulher, trabalho e cinema: representações do trabalho feminino no cinema brasileiro. *Anais do Encontro de Estudos Organizacionais*, Porto Alegre, RS, Brasil, III.

Mainguenau, D. (2001). *O contexto da obra literária* (2a ed). São Paulo: Martins Fontes.

Malanovicz, A. V. (2019). Métodos de pesquisa para administração: investigações de Sherlock Holmes. *Revista Eletrônica Gestão e Serviços*, 10(2), 2751-2766.

Marconi, D. (2018). Problemas de gênero no sertão pop de Boi Neon. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1314-1327.

Marins, S. R. & Davel, E. P. B. (2020). Etnografia estética na pesquisa em estudos organizacionais: princípios, processos e desafios. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 7(3), 406-444.

Martins, P. E. M. (2007). Canudos: organização, poder e o processo de institucionalização de um modelo de governança comunitária. *Cadernos EBAPE.BR*, 5(4), 1-16.

Martins, P. E. M., Moura, L. S., & Imasato, T. (2011). Coronelismo: um referente anacrônico no espaço organizacional brasileiro contemporâneo? *Organizações & Sociedade*, 18(58), 389-402.

Medeiros, I. B. O., Prestes, V. A., & Fraga, A. M. Cinema, trabalho e subjetividade: micronarrativas sobre subjetivações em Boi Neon. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 990-1043.

Meira, F. B. & Meira, M. B. V. (2014). A cultura de belezas americanas: gestão de pessoas, discurso e sujeito. *Cadernos EBAPE.BR*, 12(1), 163-177.

Miranda, U. L., Amaral, J. C., & Assis, L. B. (2018). Nós, Daniel Blake: uma análise dos dispositivos de dominação e controle. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1265-1313.

Monthoux, P. G. (2005). Docteur Clérambault in Zola's Paradise: notes on naturalist studies of passion in organizations. In B. Czarniawska-Joerges & P. G. Monthoux (Eds.). *Good novels, better management: reading organization realities in fiction* (pp. 17-36). Chur: Harwood.

- Nussbaum, M. C. (1990). *Love's knowledge: essays on philosophy and literature*. Oxford: Oxford University Press.
- Oatley, K. (1995). Taxonomy of the emotions of literary response and a theory of identification in fictional narrative. *Poetics*, 23(1/2), 53-74.
- Oltamari, A. P., Lopes, F. T., & Wannmacher, E. (2018). "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça": o cinema e suas possibilidades na formação em Administração. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 954-988.
- Otto, B., Pors, J. G., & Johnsen, R. (2019). Hidden in full view: the organization of public secrecy in Miéville's *The city and the city*. *Culture and Organization*, 25(2), 91-103.
- Parker, M., Higgins, M., Lightfoot, G., & Smith, W. (1999). Amazing tales: organization studies as science fiction. *Organization*, 6(4), 579-590.
- Patient, D., Lawrence, T. B., & Maitlis, S. (2003). Understanding workplace envy through narrative fiction. *Organization Studies*, 24(7), 1015-1044.
- Pereira, L. A. M. (2005). Literatura em movimento: Coelho Neto e o público das ruas. In S. Chalhoub, M. S. Neves, & L. A. M. Pereira (Orgs.). *História em cousas miúdas* (pp. 201-237). Campinas: Unicamp.
- Phillips, N. (1995). Telling organizational tales: on the role of narrative fiction in the study of organizations. *Organization Studies*, 16(4), 625-649.
- Pinheiro, I. A., Vieira, L. J. M., & Motta, P. C. D. (2010). Construindo pontes entre saberes: da literatura à gestão. *Organizações & Sociedade*, 17(55), 641-664.
- Pinto, F. L. B. (2020). *Modernidade periférica brasileira: entre a literatura, a história e os estudos organizacionais*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Pinto, F. L. B. & Domingues, F. F. (2020). Urbe, vida social organizada e literatura: algumas reflexões. In: L. A. S. Saraiva & A. S. R. Ipiranga (Orgs.). *História, práticas sociais e gestão das/nas cidades* (pp. 70-101). Ituiutaba: Barlavento.
- Pinto, F. L. B. & Ribeiro, E. M. (2018). História, literatura e estudos organizacionais: novos olhares sobre as obras de Jorge Amado. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 198-267.
- Pitsis, A. (2014). *The poetic organization*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Prasad, A. & Mills, A. J. (Eds.). (2010). Critical management studies and business ethics: a synthesis and three research trajectories for the coming decade. *Journal of Business Ethics*, 94(S2), 227-237.
- Pruetipibultham, O. & McLean, G. N. (2010). The role of the arts in organizational settings. *Human Resource Development Review*, 9(1), 3-25.
- Ratiu, D. E. (2017). The aesthetic account of everyday life in organizations: a report on recent developments in organizational research. *The Journal of Arts Management, Law, and Society*, 47(3), 178-191.
- Rhodes, C. (2009). "All I want to do is get that check and get drunk": testifying to resistance in Charles Bukowski's *Factotum*. *Journal of Organizational Change Management*, 22(4), 386-401.
- Rhodes, C. & Brown, A. D. (2005). Writing responsibly: narrative fiction and organization studies. *Organization*, 12(4), 467-491.

- Rigo, A. S. (2012). O que as crônicas de Machado de Assis nos contam sobre a Administração Política? *Revista Brasileira de Administração Política*, 5(2), 65-82.
- Rippin, A. (2009). The illustrated Post Office: a layered account of organisational sexism, brutality and escape. *Journal of Organizational Change Management*, 22(4), 402-420.
- Rodrigues, S. B. & Collinson, D. L. (1995). 'Having fun'?: Humour as resistance in Brazil. *Organization Studies*, 16(5), 739-768.
- Ruas, R. (2005). Literatura, dramatização e formação gerencial: a apropriação de práticas teatrais ao desenvolvimento de competências gerenciais. *Organizações & Sociedade*, 12(32), 121-142.
- Rutten, K., Mottart, A., & Soetaert, R. (2010). Narrative and rhetoric in social work education. *British Journal of Social Work*, 40, 480-495.
- Ryan, M.-L. (2001). *Narrative as virtual reality: immersion and interactivity in literature and electronic media*. Baltimore: The John Hopkins University Press.
- Salgueiro, M. A. T., Leite, N. R. P., Pereira, R. L., Viegaz, O. E., & Santana, K. (2014). O papel da gestão de pessoas na inserção e na manutenção de pessoas com deficiência nas organizações, à luz da análise fílmica. *Revista de Administração da UFSM*, 7(4), 549-569.
- Salvagni, J., Veronese, M. V., Guerin, M., & Rodrigues, R. R. (2018). No coração da loucura: resistência, protagonismo e a luta de Nise da Silveira. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1044-1090.
- Sant'anna, A. S., & Souza, I. V. A. (2014). Etnografia urbana e literatura: olhares de João do Rio e Rubens Fonseca sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 3(3), 107-120.
- Santos Filho, F. C., Cezar, L. O., Concolatto, C. P., & Santos, L. C. (2018). Sujeito, sociedade e história: diálogos a partir da narrativa cinematográfica. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1091-1137.
- Saraiva, L. A. S. (2017). O poeta e a cidade: um estudo semissimbólico sobre artefatos culturais. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 6(1), 31-51.
- Saraiva, L. A. S. (2009). *Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Saraiva, L. A. S. (2007). Métodos narrativos de pesquisa: uma aproximação. *Gestão. Org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 5(2), 118-134.
- Saraiva, L. A. S. & Carrieri, A. P. (2014). Uma vida, uma cidade: um estudo discursivo de uma metonímia. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 3(1), 143-157.
- Schwarz, J. O., Kroehl, R., & von der Gracht, H. (2014). Novels and novelty in trend research – using novels to perceive weak signals and transfer frames of reference. *Technological Forecasting & Social Change*, 84, 66-73
- Seligmann-Silva, M. (2003). *História, memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp.
- Silva, M. A. M. (2014). Uma aventura de luxúria. In L. A. S. Saraiva, A. G. Enoque & A. P. Carrieri (Orgs.). *Sete pecados capitais nas organizações* (pp. 179-223). Salvador: UFBA.

- Sliwa, M. & Cairns, G. (2007). The novel as a vehicle for organizational inquiry: engaging with the complexity of social and organizational commitment. *Ephemera: Theory & Politics in Organization*, 7(2), 309-325.
- Smith, W., Higgins, M., Parker, M., & Lightfoot, G. (Eds.) (2001). *Science fiction and organization*. London: Routledge.
- Soares, F. M. A. (2019). *Discursos e ethos profissional: narrativas e formação do artista no campo cultural*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil.
- Strati, A. The aesthetic approach in organization studies. In S. Linstead & H. J. Höpfl (Eds.). *The aesthetics of organization* (pp. 61-93). London: Sage.
- Strati, A. (1999). *Organization and aesthetics*. London: Sage.
- Teixeira, R. & Cavedon, N. R. (2015). Vida errante? *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 4(1), 97-113.
- Thexton, T., Prasad, A., & Mills, J. A. (2019). Introduction: Learning empathy through literature. *Culture and Organization*, 25(2), 83-90.
- Vasconcellos, J. G. (2016). Imaginário social, literatura e suas representações na gestão brasileira. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 5(2), 15-31.
- Watt, I. (1957). *The rise of the novel*. London: Chatto and Windus.
- Weber, M. (2020) [1904]. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Edipro.
- Wisnik, J. M. (2018). *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das letras.
- Wood Jr., T. (2001). *Organizações espetaculares*. Rio de Janeiro: FGV.
- Wu, C.-T. (2006). *Privatização da cultura: a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80*. São Paulo: Boitempo.
- Xavier, W. S. (2018). A ideologia da arquitetura e da literatura moderna no Estado Novo. *Organizações & Sociedade*, 25(86), 434-456.
- Yazdani, N., Murad, H. S., & Abbas, R. Z. (2011). The use of metaphors in poetry and organization theory: toward de-compartmentalization of organizational knowledge. *Iranian Journal of Management Studies*, 4(2), 63-78.